

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO LEITOR: INTERTEXTUALIDADE E INCOMPLETUDE. FINANCIAMENTO FACEPE

FABÍOLA MÔNICA DA SILVA GONÇALVES (UEPB), LUDMILLA LIMA VILAS BOAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO), ROZANGELA MARIA DA SILVA (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO - ESCADA).

Resumo

Este estudo aborda a constituição do professor-leitor, tendo como objetivos a investigação dos espaços de leitura por ele vivenciados, bem como a concepção de leitura presente em sua prática profissional. Realizou-se um estudo de campo com oito professores de uma instituição pública de Ensino Superior em PE, Nordeste do Brasil. Para a construção dos dados, optou-se pela entrevista semi-estruturada individual a fim de explorarmos os objetivos da pesquisa. A análise de resultados foi realizada com os dados de duas entrevistas e os critérios da seleção da amostra, foi em função do contraste em relação aos espaços de leitura e o ponto de contato acerca das concepções de leitura presente nos discursos das duas participantes. Verificou-se que em relação aos espaços de leitura, uma das participantes desde a infância relata gostar de ler tendo em sua trajetória de leitora, bibliotecas como uma das importantes agências de letramento; a outra participante diz ter tido mais contato com a prática de leitura a partir da graduação, especialmente, quando foi bolsista de um Programa Especial de Treinamento (PET), ressaltando ter mais vivências com leituras técnicas, também enfatiza os grupos de estudos universitários como um espaço para desenvolver a leitura de textos. Sobre as concepções de leitura presentes nos discursos das participantes, evidenciou-se uma concepção focada no conhecimento de mundo e na intertextualidade, sendo esta uma visão de leitura pautada não apenas na decodificação, mas numa concepção voltada para a prática social, por meio de um processo de construção de sentidos negociados; a outra participante ressalta que o leitor é um ser incompleto e a motivação para leitura é a consciência da incompletude. Ver-se, pois, que a incompletude e a intertextualidade estão permeando o discurso das participantes no que se refere à constituição do sujeito leitor.

Palavras-chave:

sujeito leitor, intertextualidade, incompletude.

A constituição do sujeito leitor: intertextualidade e incompletude.

Fabíola Mônica da Silva Gonçalves

Departamento de Educação (CEDUC), da Universidade Estadual da Paraíba/Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa Linguagem, Leitura e Letramento (GEPELLL) DGP/CNPq.

Ludmilla Lima Vilas Boas

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva (CFCH) da Universidade Federal de Pernambuco/ Pesquisadora do Grupo de Estudo e Pesquisa Linguagem, Leitura e Letramento (GEPELLL) DGP/CNPq.

Rozangela Maria da Silva

Resumo

Este estudo aborda a constituição do professor leitor, tendo como objetivos a investigação dos espaços de leitura por ele vivenciados, bem como a concepção de leitura presente em sua prática profissional. Realizou-se um estudo de campo com oito professores de uma Instituição Pública de Ensino Superior em PE, Nordeste do Brasil. Para a construção dos dados, optou-se pela entrevista semi-estruturada individual, a fim de explorarmos os objetivos da pesquisa. A análise foi realizada com os dados de duas entrevistas e os critérios da seleção da amostra, deu-se devido ao fato do contraste em relação aos espaços de leitura e ao ponto de contato acerca das concepções de leitura presente nos discursos das duas participantes. Verificou-se que em relação aos espaços de leitura, uma das participantes desde a infância refere-se gostar de ler tendo em sua trajetória de leitora, bibliotecas como uma das importantes agências de letramento, já a outra participante diz ter tido mais contato com a prática de leitura a partir da graduação, especialmente quando foi bolsista de um Programa Especial de Treinamento (PET), ressaltando ter mais vivências com leituras técnicas, também enfatiza os grupos de estudos universitários como um espaço para desenvolver a leitura de textos. Sobre as concepções de leitura presentes nos discursos das participantes, evidenciou-se uma concepção focada no conhecimento de mundo, e na intertextualidade, sendo esta uma visão de leitura pautada não apenas na decodificação, mas em uma concepção voltada para a prática social, por meio de um processo de construção de sentidos negociados; a outra participante ressalta que o leitor é um ser incompleto e a motivação para leitura é a consciência da incompletude. Ver-se, pois, que a incompletude e a intertextualidade estão permeando o discurso das participantes no que se refere à constituição do sujeito leitor.

Palavras-chave: sujeito leitor, intertextualidade, incompletude

Considerações sobre linguagem, leitura e sujeito-leitor

Antes de entrar na discussão sobre leitura, cabe fazer uma breve reflexão a respeito das três principais concepções de linguagem e de sujeito a elas relacionadas, a saber: linguagem como representação do mundo e do pensamento; linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como forma de ação ou interação.

Na concepção de linguagem como representação do mundo e do pensamento, o homem representa para si o mundo através da linguagem e, assim sendo, a função da língua é representar seu pensamento e seu conhecimento de mundo. Corresponde, portanto, à concepção de um sujeito psicológico, individual, dono de sua vontade e de suas ações.

Trata-se de um sujeito visto como um ego que constrói uma representação mental e deseja que esta seja "captada" pelo interlocutor da maneira como foi mentalizada (KOCH, 2000; 2002). Na verdade, este ego não se acha isolado em seu mundo, mas, é um sujeito essencialmente histórico e social na medida em que se constrói

em sociedade e com isto adquire a habilidade de interagir. Daí decorre a noção de sujeito social, interativo, mas que detém o domínio de suas ações.

A linguagem como instrumento de comunicação considera a língua como um código através do qual um emissor comunica a um receptor determinadas mensagens. Ou seja, a principal função da linguagem, nesta concepção, é a transmissão de informações. Trata-se, portanto, de um sujeito cartesiano, sujeito de consciência, dono de sua vontade e de suas palavras. Interpretar é, portanto, descobrir a intenção do falante (KOCH, 2000; 2002).

Linguagem neste trabalho é concebida como atividade transformadora, uma interação que se define na relação necessária entre homem, realidade natural e social. Vista por esta perspectiva a linguagem é produzida na e pela mediação que se estabelece entre homem e sociedade num processo de constituição mútua. Não é possível estudar a linguagem sem circunscrever o contexto histórico-social em que a mesma foi materializada, dito de outro modo, tanto os signos lingüísticos (a materialidade da linguagem) em um estudo que toma como eixo central o objeto histórico-social, como no caso o discurso, deve ser estudado de modo indissolúvel.

Conforme Orlandi (2006) esta perspectiva de linguagem deslocam percursos não apenas em termos do psíquico e do social estritamente, "[...] mas pelo domínio ideológico, ou seja, as condições de produção (Pêcheux, 1969) constituem o sentido da seqüência verbal produzida. [...]" (ORLANDI, 2006:18). O ideológico é o componente do discurso que está relacionado ao lugar em que o falante ocupa na sociedade, assim o processo de significação é produzido por meio das representações sociais que o falante projeta nas situações concretas de linguagem. É um princípio fundamental, considerar a relação entre linguagem e exterioridade como constitutivas e daí conceber o processo de significação como histórico.

Em consonância com a concepção de linguagem assumida neste trabalho, falar de leitura é uma tarefa laboriosa, visto que esta atividade demanda o estabelecimento de relações entre o autor-texto-leitor. O sentido de leitura concebido neste contexto está articulado a uma atividade produzida, então, faz-se necessário o estudo das condições de sua produção. Desse modo, a leitura é o momento que o texto é constituído, o momento em que a interação verbal autor-leitor se estabelece, é por meio do texto que o processo de significação acontece. Durante a produção da leitura se configura o espaço de discursividade em que se instaura um modo de significação específica, uma vez que:

O sujeito-leitor está inserido no processo histórico de construção de sentidos, interpretando as suas relações com o mundo e, por vezes, recriando-o. O leitor produz linguagem e é produzido por ela, tornando-se "produto" de sentidos ideologicamente cristalizados. Nessa perspectiva, ler não é descobrir um único sentido, "o que o autor quis dizer", mas saber que o sentido descoberto no processo da leitura poderia ter sido outro. O leitor é, também, autor do texto lido, num processo de constante construção de sentidos. (LIMA, 2003:112)

Assim a leitura deixa de ser entendida como simples captação de uma representação mental ou como decodificação de mensagem resultante de uma codificação de um emissor. Ela é, então, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realizam, evidentemente, com base nos elementos lingüísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes e sua reconstrução no interior do evento comunicativo (KOCH, 2002; DELL'ISOLA, 2001).

Dentre as categorias analíticas da produção de leitura proposta por Orlandi (2006) destacam-se neste trabalho a incompletude e a intertextualidade. Em termos da intertextualidade pode-se dizer que as relações de sentidos se estabelecem na fronteira entre o que o texto diz e o que não diz, mas poderia dizer e entre o que ele diz e o que outros textos dizem. "Os sentidos que podem ser lidos, então, em um texto não estão necessariamente ali, nele. O(s) sentidos(s) de um texto passa(m) pela relação dele com outros textos." (ORLANDI, 2006: 11)

Além do mais, pode-se dizer que o todo que constitui o texto é de natureza incompleta, pois o sentido do texto não está em cada um dos interlocutores separadamente, mas no espaço discursivo criado pelos dois interlocutores produzido pela interação entre eles. Já que a linguagem tem haver com a exterioridade, a idéia de todo não está implicada a idéia de completude, a linguagem não é um sistema monolítico e nem é completa, a linguagem não é transparente, nem linear, nem inteira, nem precisa. Assim, "Entendemos também como incompletude o fato de que o que caracteriza qualquer discurso é a multiplicidade de sentidos possíveis." (ORLANDI, 2006:23).

Desenho geral da pesquisa

Caracterização

Este trabalho é uma das ações desenvolvidas pelo Grupo de Estudo e Pesquisa Linguagem, Leitura e Letramento (GEPELLL) cadastrado no Diretório Geral de Pesquisa DGP/CNPq, composto por professores universitários, profissionais da educação e alunos em nível de mestrado, de iniciação científica e, voluntários matriculados em cursos de graduação.

Aborda a constituição do sujeito leitor, tendo como objetivos a investigação dos espaços de leitura por ele vivenciados, bem como a concepção de leitura presente em sua prática profissional. Para tal, foi conduzida uma investigação tendo como delineamentos técnicos: a pesquisa bibliográfica por ser imprescindível a delimitação temática; e na formulação empírica optou-se pelo estudo de campo pela sua natureza qualitativa e por propiciar um planejamento flexível a fim de se percorrer os objetivos propostos em detrimento da realidade sociocultural a qual se estava pesquisando. (GIL, 1999).

População

A pesquisa foi realizada em duas instituições de ensino superior (IES), ambas públicas situadas na região Nordeste do Brasil, sendo uma da esfera federal, localizada na cidade de Recife/PE e a outra da esfera estadual, localizada na cidade de Campina Grande/PB. Esta investigação faz parte de um projeto de pesquisa interinstitucional desenvolvido nas IES supracitadas, tendo apoio financeiro da Fundação de Amparo a Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco - FACEPE.

Amostra

Nesta investigação em específico, participaram 16 professores universitários que ministram disciplinas em Cursos de Licenciaturas diversas, que lidam diretamente com a formação de futuros professores da educação básica de ensino. No entanto, a análise realizada aqui diz respeito a entrevistas realizadas com duas professoras vinculadas a IES pública de Recife/PE. A professora **A** afirma ter 31 anos de experiência docente na educação básica e superior, e, a professora **B** afirma ter 10 anos de experiência docente apenas no ensino superior (identificadas como

professora **A** e **B** de agora em diante), ambas possuem formação profissional em nível de doutorado e pertencem ao quadro de professores efetivos da IES.

Procedimento

A coleta de dados foi realizada em dias e horários conforme disponibilidade das participantes, na ocasião das entrevistas semi-estruturadas, que pelo movimento de interatividade entre pesquisador e participante resultou numa média de 10 questões dependendo da discursividade produzida na entrevista, versavam sobre a constituição do sujeito leitor, mais especificamente, como este professor se constitui leitor. Para registros contou-se com os recursos audiogravados que possibilitou posterior transcrição e análise, a fim de poder ter o máximo de entrosamento com a participante e estar bem atenta as formações discursivas que estas traziam no momento da entrevista e assim ter mais condições de interação.

Um gesto de interpretação dos dados

Dentre o conjunto de questões produzidas, para este trabalho apresentar-se-á uma análise interpretativa de duas entrevistas da professora **A** e da professora **B**. Para esta análise foi realizado o recorte da totalidade do corpus, sendo evidenciados três tópicos que foram acentuados durante as sessões de entrevistas com os participantes, a saber: espaços de leitura; concepção de leitura e o papel da leitura na constituição do sujeito.

Espaços de leitura

Na tentativa de resgatar os espaços de leitura vivenciados e/ou que vivenciam encontrou-se na professora **A** espaços vividos na infância. Ela atesta que aprendeu a ler com quatro anos de idade, e que na escola pública estadual do Recife onde estudou teve a oportunidade de ter a biblioteca como espaço privilegiado para realizar suas leituras, destaca que havia uma relação de confiança entre os funcionários da biblioteca e ela, pois nem o cartão de identificação de sócio era mais exigido "[...] *mas é a galeguinha, é a galeguinha, ela devolve o livro [...]*" Também contou com a biblioteca do sogro que na época eram vizinhos "[...] *ele tinha uma biblioteca [...] o primeiro andar era só de livros, e assim toda semana ai não é, eu ia lá pegar um livro [...] ele anotava e depois agente ia [...] mas realmente era um espaço formal. [...]*" Ressalta que na atualidade preserva os espaços de leitura tendo as seguintes iniciativas "[...] *Hoje eu mantenho quer dizer a sistemática de comprar permanentemente livros e assim como eu gosto muito de ler, outras coisas que também não seja da área né? Eu tô sempre lendo livro de literatura que não tem nada haver com a perspectiva técnica, então eu permaneço com esse mesmo gosto.*"

Já a professora **B** trouxe a formação profissional como espaços de vivência de leitura "[...] *é... eu tive espaço de leitura muito significativo na minha graduação que eu fui bolsista do programa especial de treinamento, que era um programa financiado pela CAPES e ele tinha como objetivo, é... formar pesquisadores já desde a graduação [...]. E lá no PET a gente trabalhava muito com estilo de grupos de estudo, [...]* Eu acho que isso me disciplinou muito, me ensinou a como ler o texto, como dialogar com o autor do texto, né? A buscar no texto sempre a tese do autor, quem que ele toma como aliado, com quem, né? [...] A quem que ele tá se contrapondo, então na minha graduação o PET foi espaço fundamental pra isso [...]" Também atesta sobre a importância dos grupos de estudos universitários ao longo de sua formação acadêmica e prática profissional como um espaço para desenvolver a leitura de textos. "[...] *Depois entrei pro doutorado, ai no doutorado eu consegui articular um grupo de estudo legal, e agora aqui na UFPE eu tenho é...*

tenho grupos com os meus alunos, né? [...], espaços de grupos com os colegas [...] monta o grupo e começa a trabalhar uma bibliografia sobre o tema. Então eu posso te dizer que a minha forma prioritária, né, assim, o que eu gosto, o que eu tenho prazer de fazer essa leitura, é dialogada com os colegas, os pares." Ao perguntar sobre os espaços vivenciados na infância, a participante não traz informações relevantes sobre este período, alega não ter tido incentivo à leitura, reitera o espaço acadêmico como mais significativo nas suas vivências de leitura.

Em termos da relação entre linguagem e sujeito no percurso das vivências de leitura das professoras têm-se posições discursivas que marcam o papel crucial dos contextos socioculturais na existência de ambas. A trajetória de leitura fortemente atrelada às condições de leitura, disponíveis aos sujeitos, propiciam uma constituição de sujeito interpelado pelos acontecimentos históricos aos quais foram e estão imersos. Daí a ideologia, construção de grupos em tempos e espaços delimitados, está a todo tempo constituindo o sujeito, intervindo nas representações que ele faz do mundo e das coisas em situações concretas de linguagem.

Com a professora **A**, os eventos de leitura ocorreram em toda a sua existência, a escola e o convívio na vizinhança, durante a infância foram marcadas pela presença de bibliotecas que a fez nutrir o gosto pela leitura, por meio da busca de material de leitura diversificado, e até hoje procura diversificar seu acervo bibliográfico, tanto na aquisição de livros técnicos como livros de literatura em geral, a leitura por fruição é uma atividade constante. Já a professora **B**, traz o espaço acadêmico como maior agência de letramento em sua trajetória de leitura, a todo tempo, revela a importância do grupo de estudo como evento crucial de significação da leitura, o diálogo constante com o grupo na sistematização das leituras necessárias ao cumprimento das atividades acadêmicas, pela posição profissional em que se encontra ressalta o prazer pela leitura compartilhada pelos demais integrantes do grupo, a leitura parece deixar de ser uma imposição acadêmica e passa a ser uma busca pautada nos interesses investigativos dos grupos de estudo que participa.

Pode-se dizer que o sujeito está continuamente se relacionando com a linguagem na e pelos acontecimentos históricos e ideológicos que o constituem, daí emerge o processo de significação, nos eventos discursivos que se encontra engajado. Como diz Orlandi (2006: 48):

[...] pensado a formação dessa imagem do sujeito-leitor de uma perspectiva histórica mais ampla, é possível fazer-se um esboço diacrônico de sua formação, através de conflitos e desenvolvimentos históricos que deram (e se dão) na sua relação com linguagem, com o poder e com o conhecimento.

Concepção de leitura

Neste tópico a professora **A** diz que leitura "*[...] é um **mergulho** no que agente tem em aprender com os outros, mergulho em nós próprios, em nós mesmos [...]* Então eu acho que essa é a grande essência da leitura eu acho que é abrir é flexibilizar o seu pensamento além do que você vive né? [...] a nossa história pessoal vai condicionando você pra algumas ações, [...] e aí na medida em que você tem acesso a outras referências, você pode enquanto sujeito singular você pode re-significar essas suas verdades tão pequenas não é?". (**grifo nosso**)

Para a professora **B** leitura é "*[...] eu tenho leitura como... É um **encontro** né? Na leitura eu conheço alguém, na leitura eu conheço a forma daquela pessoa pensar, [...] é pra mim essa possibilidade de eu conhecer alguém, como alguém pensa, e também esse encontro no sentido de algo que vai me alimentar vai me ajudar a*

pensar, né? A falar, a agir [...] às vezes eu pego um livro [...] mas alguma coisa ali não bateu [...] não tá respondendo, então eu vou lá e deixo de lado, e vou pegar outro, né? Pra me ajudar a... enfim, a encontrar até o que eu estou de fato querendo encontrar e não sei. Então vou pra outro, vou pra outro... Acontece isso de vez em quando. Então pra mim, é isso, é isso nesse ponto." (grifo nosso)

Ao conceber leitura como um **mergulho** (professora **A**) um **encontro** (professora **B**) a noção de incompletude é uma possibilidade de interpretação, tanto na ordem ontológica, o sujeito é por natureza um ser inconcluso, inacabado em relação ao ato de conhecer, haja vista o caráter provisório que possui o conhecimento, a validade é algo tênue que está sempre a mercê de novas descobertas e invenções, como em termo da natureza da linguagem, dentro da perspectiva que é assumida neste trabalho, ela é concebida como transformadora, como uma atividade de produção e negociação de sentidos o tempo todo.

A leitura de textos envolve uma relação entre autor-leitor o **encontro** e o **mergulho** concebidos pelas professoras não é com o sistema lingüístico, mas com o discurso que está subjacente no texto, a totalidade lingüística presente no texto é necessária, mas não é suficiente para que se estabeleça o diálogo entre autor e leitor. A leitura que é uma expressão de linguagem não é transparente, nem é completa, sempre pode ser significado algo de uma leitura que não fora significado antes. O texto tem margem de significação não é uma questão de tudo ou nada, a legibilidade da leitura nem esta no autor, nem no texto nem leitor e sim na relação entre eles. Desse modo "A leitura [...] é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade." (ORLANDI, 2006:9)

Papel da leitura na constituição do sujeito

Tem-se que a professora **A** contrapõe-se as práticas de leituras de massa, no caso da mídia televisiva e posiciona-se em favor das leituras que possibilitem várias perspectivas de interpretação "[...] *Eu acho fundamental, fundamental, é hoje agente tem diferentes linguagens, agente tem esse universo milhares que, tanto nos oferece com rapidez e com prazer visual enorme [...] eu fico preocupada com esse aligeiramento que muitas vezes vai **fossilizando** a cognição porque as pessoas não conseguem mais ampliar o debate não é, [...] e uma leitura ela favorece exatamente que cada linha agente tenha **possibilidades de interpretação**, porque a partir **da entonação que você tem** se é diferente um tom do outro **já é outro texto né?** [...]" (grifos nossos)*

E a professora **B** diz "[...] *e eu acho que através da leitura você se desloca do campo de problemas, a leitura permite isso, é... ela permite ter acesso à "Como posso pensar diferente esse problema?" , né? [...] Então eu acho que termos subjetivos, **ela diz muito de quem você é**, sobre o que você é. É... eu acredito muito na máxima de que **Sou o que leio**, porque ela também dá pra mim, é... a **imagem de um óculos, que a gente coloca pra ler a vida, pra ler os acontecimentos, os encontros... Ela... A leitura é o campo de relação social**, ela te dá esse modelo assim, "Como eu posso mudar, sei lá, em fulaninho, através disso que..." Não tão intencional, mas é que de fato você vai se constituindo a partir daquilo que você lê, né? [...]" Então assim, **não dá pra ler certos autores e querer separá-los totalmente da sua vida**, não, eles estão presentes, **eles se atualizam, porque te ajudam a pensar e agir**. Eu acho que é isso, te constitui como sujeito através da forma de você pensar e da forma de você agir. " (grifos nossos)*

Elegeram-se nesta análise a intertextualidade como um dos aspectos importantes na formação do conhecimento de mundo dos leitores. Nas passagens discursivas grifadas acima as professoras **A** e **B**, destacam a importância de se ter acesso a múltiplos textos, pois isto favorece a constituição do sujeito leitor de modo que sua mente fica mais plástica, a capacidade de transitar discursivamente em situações dialógicas é infinitamente maior por propiciar um alargamento das relações sociais que vivenciam, uma vez que os sentidos de um texto são construídos na relação dele com outros textos.

À medida que o sujeito vai interagindo com múltiplos textos, vai se construindo na diacronia (tempo e espaço distintos e situados dos já ditos e dos a dizer) dos discursos veiculados nos textos que tiverem a oportunidade de ler. E assim o contínuo que se estabelece entre autor-texto-leitor nas expressões de linguagem se constrói ao longo do processo de historicização do sujeito leitor.

Considerações finais

Sem a pretensão de encerrar, muito menos esgotar alternativas de interpretação, explorou-se uma possibilidade de interpretação dos dados à luz da perspectiva de linguagem que tem não só um sistema lingüístico fechado, mas sua relação com os modos de dizer dos sujeitos em contextos socioculturais e históricos específicos. Acredita-se numa relação contínua de constituição mútua entre sujeito e linguagem, tomando o objeto leitura como expressão da linguagem e suas condições de produção de sentido, espera-se estabelecer diálogos com quem se interessar pela discussão do que fora tratado neste trabalho.

Referências

DELL'ISOLA, R. L. P. **Leitura: inferências e contexto sociocultural**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2ª edição, 2001.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª edição. São Paulo. Atlas. 1999.

KOCH, I. G. V. **A interação pela linguagem** (repensando a língua Portuguesa). 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

LIMA, R. L. R. de. As teorias da leitura aplicadas ao texto. **Rev. PEC**. Curitiba, v.3, n.1, p.111-119. jul. 2003.

ORLANDI, E. P. **Discurso e leitura**. 7ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

PÊCHEUX, M. **Analyse automatique di discours**. Paris: Dunod. 1969.